



PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

EXISTÊNCIA GEOGRÁFICA: MUNDO-NO-SER E SER-NO-MUNDO

Jahan Natanael Domingos Lopes¹ - <https://orcid.org/0000-0002-0410-5219>

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, Brasil*

Artigo recebido em 06/12/2021 e aceito em 14/12/2022

RESUMO

No ensejo de compreender-se a existência geográfica, visou-se a analisar a circularidade que transpassa o Ser e o Mundo. Com isso, perscrutou-se sua abertura da espacialidade (existencial) para a geograficidade (essencial). Na tessitura, insere-se, pela Geografia existencial, a totalidade geográfica da Terra-Mundo-Universo, situando-a pelo Eu geográfico em sua consciência (ontológica) – de si, mundo-no-ser e do mundo circundante, ser-no-mundo – e corpo (ôntico). Assente-se, ainda, na relação do Ser e do Mundo, o encaminhar na perspectiva do Ser (mundo-no-ser) pelo Mundo e do Mundo (ser-no-mundo) pelo Ser. Com isso, fomentou-se a possibilidade de circularidade para o mundo-no-ser-no-mundo e o ser-no-mundo-no-ser, podendo ser expandido *ad infinitum*. Nesse horizonte, encaminhou-se em *Ulisses* de Joyce a visão de como os desejos de deslocar e pertencer permitem a reconfiguração do Mundo pelo Ser. Ademais, estudaram-se tanto o ser-na-cidade quanto a cidade-no-ser, concebendo, no mundo circuntécnico, a construção do Ser pelo Mundo, ao trânsito para o Espaço social. Deste modo, perspectivou-se a ontologia do existir geográfico à existência geográfica no transpassar circular.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Geografia existencial; Ontologia; Existir.

GEOGRAPHICAL EXISTENCE: WORLD-IN-THE-BEING AND BEING-IN-THE-WORLD

ABSTRACT

In order to understand the geographical existence, we aimed to analyze the circularity that passes through the Being and the World. With this, its openness from spatiality (existential) to geographicality (essential) was perscrued. In the tessitura, the existential geography is part of the geographical totality of the Earth-World-Universo, situating it by the geographical Self in its consciousness (ontological) – of itself, world-in-the-being and the surrounding world, being-in-the-world – and body (ontic). Based, also, on the relationship of being and the world, to direct it from the perspective of Being (world-in-the-being) by the World and the World (being-in-the-world) by Being. Thus, the possibility of circularity to the world-in-the-being-in-the-world and the being-in-the-world-in-being was fostered, and can be expanded *ad infinitum*. In this horizon, Joyce's *Ulysses* was directed to the vision of how the desires to displace and

* Graduando na licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
E-mail: jahan_natanael@hotmail.com

belong allow the reconfiguration of the World by the Being. Moreover, both the being-in-the-city and the city-in-the-being were studied, conceiving, in the circumtechnical world, the construction of Being for the World, to the transit to the social space. Thus, the ontology of geographical exist was perforated to geographical existence in the circular passage.

Keywords: Geographical thinking; Existential geography; Ontology; Exist.

EXISTENCIA GEOGRÁFICA: MUNDO-EN-EL-SER Y SER-EN-EL-MUNDO

RESUMEN

Para comprender la existencia geográfica, el objetivo fue analizar la circularidad que impregna el Ser y el Mundo. Con eso, se escudriñó su apertura desde la espacialidad (existencial) a la geográfica (esencial). En el tejido, la geografía existencial inserta la totalidad geográfica de la Tierra-Mundo-Universo, colocándolo por el Yo geográfico en su conciencia (ontológica) – de sí mismo, el mundo-en-el-ser y del mundo circundante, el ser-en-el-mundo – y cuerpo (óntico). También se basa en la relación entre el Ser y el Mundo, el camino desde la perspectiva del Ser (mundo-en-el-ser) a través del Mundo y el Mundo (estar el ser-en-el-mundo) a través del Ser. De la circularidad al mundo-en-el-ser-en-el-mundo y ser-en-el-mundo-en-el-ser, que se puede expandir *ad infinitum*. En este horizonte, *Ulisses* de Joyce abordó la visión de cómo los deseos de desplazar y pertenecer permiten la reconfiguración del Mundo a través del Ser. Además, se estudió tanto el ser-en-el-ciudad como el ciudad-en-el-ser, concibiendo, en el mundo circuntécnico, la construcción del Ser por el Mundo, al tránsito al Espacio Social. De esta manera, se concibió la ontología de lo existir geográfico a la existencia geográfica en el recorrido circular.

Palabras claves: Pensamiento geográfico; Geografía existencial; Ontología; Existe.

INTRODUÇÃO

A coisa que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. – Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, reflui sobre mim. Existo.

(Sartre, 2019, p. 117)

Ao passo de configurar a existência geográfica, exige-se uma intensa compreensão epistemológica que dê cabo de abarcar seus horizontes. Assim sendo, este trabalho visa a esclarecer a ontologia geográfica – o modo que transpassa o ente ao ser geográfico – a fim de desvelar sua abertura. De antemão, introduz-se a primeira e mais substancial formulação, feita por Dardel (2011, p. 1, grifos nossos) a partir de que: “uma relação concreta liga o homem à **Terra**, uma **geograficidade** (*géographicité*) do homem como modo de sua **existência** e de seu **destino**”. Com isso, prossegue-se “questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no **mundo circundante**” (ibidem, p. 1). Esse excerto merece destaque para importantes concepções entre a Terra e o mundo circundante, pois compreende a existência em sua factualidade assim como a abertura das projeções na direção do destino. Enquanto questão ontológica, permeia-se que: “A existência é a dimensão do estar-

aí do ser, sua estrutura relacional e simbiótica com a sua alteridade, ou seja, os outros entes, e é a fonte dinâmica da mutação e redefinição do ser” (MARTINS, 2007, p. 35). De outra forma, no percurso da existência geográfica, a geograficidade é seu modo de ser, sendo ela alçada a partir da Terra em um horizonte de possibilidades.

Nessa concepção, tem-se, pela geografia, uma abertura existencial, a qual pode ser pensada através das categorias maiores da Geografia existencial pela totalidade da tríade sintético-analítica: Terra (ente), Mundo (ser) e Universo (nada) (LOPES, 2021b). Desse modo, a existência geográfica percorre da Terra ao Mundo na abertura da geograficidade e, ademais, nadifica-se pelo Universo, do não-ser. Pensa-se, ademais, quanto à nadologia que: “Teoricamente, o vazio é o nada, que a praticidade do universo identifica como uma forma do real existir. O nada pode ser pensado como o não-ser. O não-ser possui uma espacialidade relacional: os vazios são múltiplos.” (SILVA, 2000, p. 08); disso, tem-se o modo (em aporia) de ser do nada geográfico. Atenta-se, quanto ao ser da geografia existencial, à distinção de Gadamer (2015) entre o mundo circundante (humano, animal e vegetal) e o Mundo (humano); o primeiro, enquanto horizontes e o segundo, constituído pela fusão de horizontes, dos mundos. Concomitantemente, interligam-se, também, dois conceitos fundamentais: o ser-no-mundo (ao mundo circundante) e o mundo-no-ser (ao que, adentro dos mundos circundantes, concebe o Mundo) (LOPES, 2019; 2021b). O primeiro, pensado enquanto o Ser aberto no Mundo, enquanto o segundo, visiona o Mundo aberto no Ser. Os lugares acoplam-se na temporalidade da consciência (nas memórias e nas intenções), assim como a presença acopla-se na espacialidade mundana. Verifica-se, desde já, e por todo o trabalho, a utilização de palavras iniciadas com maiúsculas para categorias e minúsculas para conceitos. Deste modo, guia-se pensar a existência geográfica na geografia existencial, sendo essa a relação a ser aprofundada.

A noção de geograficidade, que cerceia a existência geográfica, marca não só uma relação terrena (realidade), mundana (mundanidade) e universal (nacidade), mas também, e profundamente, espacial. No acoplamento do espaço, tem-se a justaposição adentro do mundo, presente no visionamento de Heidegger (2015, p. 168) em que a “espacialidade só pode ser descoberta a partir do mundo e isso de tal maneira que o próprio espaço se mostra também um constitutivo do mundo, de acordo com a espacialidade essencial da presença, no que respeita a sua constituição fundamental de ser-no-mundo”. De modo consequente, o Espaço está no Mundo – o ser-no-mundo para a geograficidade – e a Geografia está na Terra – o mundo-no-ser para a espacialidade. Assim, fia-se, “é considerando o espaço como uma funcionalização do mundo que ficamos autorizados a fazer o caminho entre o ser e o existir.” (SANTOS, 1996, p. 14). Logo, a geograficidade e a espacialidade são os caminhos ôntico-ontológicos: o primeiro,

corresponde à existência geográfica (ao Mundo) e o segundo, é relativo ao existir geográfico (à Terra). Essa é a analítica geográfica à sintética da existência, pelo consciente e do existir, pelo corporal.

Há mais. No que diz respeito à relação consciência e corpo, segundo Oliveira JR (2015, p. 4), acorda-se que “a existência do homem em uma geografia é simultânea à consciência dessa, o que representa a necessidade de um pensamento (consciência) geográfico simultâneo a uma existência geográfica”. De acordo com Sartre (2015, p. 35), a consciência é dual: “a consciência é um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser enquanto este ser implica outro ser que não si mesmo”. Essa direção indica que a consciência se dá tanto em-si mesma quanto para-si mesma. Dessa forma, observa-se a completude desses dois excertos: o segundo, é a teoria e o primeiro, a aplicação à geografia. Nesse passo, a consciência da geografia – imersa em um Espaço interno ao Mundo (ao mundo-no-ser) e que está imerso em um mundo circundante (ao ser-no-mundo) –, dá-se tanto enquanto existência geográfica (geograficidade), quanto consciência de existir geograficamente (espacialidade). Por conseguinte, percebe-se que o ser geográfico e o ente geográfico são versados a partir de que (para a existência) o ser advém enquanto consciência e (para o existir) o ente é convocado na corporalidade. Isso contempla que “se transpusermos para a palavra *ente* o homem-corpo, teremos que a existência humana tem o essencial de seu ser. [...] Temos agora a acepção do ente composto homem-espaço.” (GUIMARÃES, 2010, p. 26). Assim, a entidade terrena, ôntico da totalidade geográfica, tem o ente enquanto espaço assim como a existência geográfica ôntica resvala no corpo.

Em população do estudo, constata-se o entrelaçamento entre a geograficidade (rumo ao ser) e a espacialidade (rumo ao ente), a julgar pelo fato de a primeira ir ao sentido originado da Terra e a segunda, ao sentido originado do Mundo. Perpassa-se, pois, que: “Existe uma percepção de solidez, de enraizamento, de fundamento da existência geográfica quando o homem experiencia a intimidade palpável da superfície terrestre” (SANTIN, 2017, p. 71). Essa é a geograficidade: quando o ser (Homem) encontra o ente (Terra) que é fundamento de seu destino. Porém, esse ente (Terra) concebe-se aos poucos, chegando ao seu ser (Mundo), aberto por completo. Logo: “Uma consciência geográfica surge assim dessas imagens e símbolos ligados à fisionomia terrestre, o que está relacionado ao cotidiano e ao que circunda o homem a partir de ideias e crenças de uma sociedade” (SANTIN, 2017, p. 28). Encontra-se, neste caso, a espacialidade, quando o ente (Terra) – pelo Homem – busca do ser (Mundo) – para a Sociedade. Essa contextura evidencia a relação detalhada de progressividade do Homem que busca a Terra e, quando a encontra, sua consciência geográfica abre o Mundo para uma

Sociedade. Aos poucos, a existência geográfica deixa de ser individual (em horizontes) e torna-se, cada vez mais, coletiva (na fusão de horizontes).

Neste sentido, verifica-se que o caminho avança na posição da suspensão da Terra ao Mundo; sendo a existência geográfica entre a Terra e o Mundo e nadificada ao Universo que a contingência. Disso, tem-se mais uma abertura, alicerçada a partir do “ser-no-mundo, a vontade de se deslocar e o mundo-no-ser, a vontade por pertencimento, formando, para a humanidade, o caráter do Eu geográfico” (LOPES, 2019, p. 51). Logo, uma nova distinção deve ser acurada: o Eu geográfico enquanto a aglutinação tanto da existência (mundo-no-ser) quanto do existir da existência (ser-no-mundo). Ao se retomar a concepção do corporal, aceita-se uma posição da consciência (de intencional), que é distintiva, ao fato: “se estes órgãos, dotados da faculdade de distinguir, não existissem, só haveria uma percepção única, a percepção do eu” (KHALDUN, 1959, p. 105). O Eu não predicado é uma ausência de corporalidade – que pelos sentidos exerce a percepção –, no entanto, o Eu geográfico, justamente, necessita de um corpo para ir da geograficidade (humana) à espacialidade (social). O Eu geográfico é a noção da completude da circularidade do ser-no-mundo e do mundo-no-ser, na noção Terra-Mundo, permissivo pela consciência do corpo e do corpo consciente.

Interrompem-se, aqui, os prolegômenos, à guisa de se indicarem as aberturas que merecem capitulações à parte. Primeiro, necessita-se de melhor fomentar a noção da encontrada circularidade do ser-no-mundo e do mundo-no-ser. Com isso, espera-se reordenar a posição do Homem e da Sociedade, no percurso que abandone uma subjetividade pura (do Eu) para uma intersubjetividade da experiência (ao Eu geográfico). Alicerçar-se-á, diante disso, a questão original: a existência geográfica. Dessa forma, ruma-se à abertura ontológica da geografia de modo a compreender tanto o existir geográfico quanto à existência geográfica. Confere-se, de antemão, pensar na circularidade na tessitura da totalidade geográfica entre o Ser e o Mundo, confluindo, dessarte, no que vem a ser a experiencialidade em si mesma. Encaminha-se, portanto, um estudo ontológico que tange a concepção sintético-analítica para enunciar as entranhas do pensamento geográfico.

CIRCULARIDADE DO MUNDO-NO-SER E DO SER-NO-MUNDO

O homem é um microcosmos, isto é, “um mundo em miniatura”; todas as gerações essenciais do ser; o ser físico, químico, vivo, espiritual, se encontram e se cruzam no ser do homem; e portanto também é possível estudar no homem o fundamento supremo do “grande mundo”, do macrocosmo.

(Scheler, 1954, p. 16)

Posto à via até aqui construída, fomenta-se a configuração em que a existência geográfica estabelece na síntese-analítica a formulação de um Eu geográfico, destarte, acrescenta-se a concepção de um construto de movimentos, impulsionado no desejo de se deslocar e no desejo de pertencer (LOPES, 2019). Na abertura mais bem acurada do projeto desses desejos, tem-se a construção de um complexo geográfico – nomeado de “Complexo de Odisseu” (LOPES, 2019) –, a partir do herói homérico (Odisseu) como arquétipo de um complexo universal nos desejos (de deslocar e de pertencer), demarcando, com isso, as situacionalidades desejosas que afiguram a espacialidade para desnudar a geograficidade já com esses desejos estabelecidos. Ainda, implementa-se, no complexo, o desejo de deslocar como o ser-no-mundo e o desejo de pertencer como o mundo-no-ser, isto é, o primeiro, é a abertura para-si ao deslocamento no mundo e o segundo, o acoplamento dos lugares – fechando parte do mundo – no em-si do pertencimento da consciência.

Em estudos práticos acerca desse complexo, evidenciam-se ao menos dois. O primeiro acerca do mundo medieval europeu sobre as viagens que rumavam a deslocar para-si frente ao desconhecido: “Mesmo significando a **não existência geográfica** e real, **o desejo de encontrar esses lugares** paradisíacos, miraculosos ou de poderes sobrenaturais levou não só os pobres iletrados como os religiosos e aristocratas a buscarem-nos sob diferentes nomes e lugares” (COSTA, 2019, p. 66, grifo nosso). Rumo ao outro caso, tem-se um estudo do medievo árabe acerca da dinâmica das viagens: “Via-se, assim, o deslocar como um motivo de acrescentar o mundo de seu ser [...] que ambiciona **ser-no-mundo deslocando**, alimentando o **mundo-no-ser** e **aportando os lugares** de viagens no âmago de seu ser” (LOPES, 2021a, p. 11, grifo nosso). Portanto, nesse período de grandes viagens, tanto marítimas (aos europeus) quanto terrestres (aos árabes), exibem-se os desejos de deslocar e o de pertencer como resultados da relação dialética (em circularidade) dos desejos do complexo geográfico.

É-se importante adentrar em uma temporalidade mais contemporânea para reaver a existência em sua historicidade no esparramento da geograficidade. Uma citação muito usada nos trabalhos que mencionam (em sua maioria de forma esporádica e circunstancial) a existência geográfica é esta dita por Santos (2017, p. 102): em que a “existência histórica depende de sua inserção numa série de eventos – uma ordem vertical – e sua existência geográfica é dada pelas relações técnicas ou de vizinhança mantidas com outros objetos – uma ordem horizontal”. Esse visionamento repercute as noções de Santos (2017) de verticalidade, de relações entre espacialidades descontínuas no globo e as de horizontalidade, nas relações em espacialidades contínuas no globo. De forma mais simples, percebe-se a importância de se pensar na interação entre a existência histórica e a existência geográfica, já que ambas,

sobretudo a primeira, promove a noção atual de predomínio da ordem vertical, aberta especialmente pela imaterialidade, em detrimento da enfática materialidade na circulação de ordem horizontal. Com mais acurácia, essas formas de existências foram ditas sobre os objetos, mas, dialetizando com as ações, também promovem uma base sobre a humanidade.

Contempladas as duas ordens de interligações – vertical e horizontal –, afere-se que “tudo depende de um conjunto complexo que, em um movimento histórico, ligue os membros do grupo, sua multiplicidade, seus meios de comunicação, suas técnicas, seus instrumentos, a natureza do objeto e do fim” (SARTRE, 2002, p. 670). Com isso, compreendem-se os modos de espacialidade que prefiguram essa fisionomia da organização social. Ser-no-mundo (ser-com) e o mundo-no-ser (ser-em) não são, pois, necessariamente feitos de relações somente horizontais, mas também verticais¹. Ainda, pensa-se que há “uma **contradição entre a situação geográfica e a relação real**: se, por exemplo, o grupo é preservado por uma cerca, apreendo-me como *estando realmente nele*, mas isso significa somente que identifico seu ser com o ser de seu continente” (SARTRE, 2002, p. 666, destaque do autor, grifo nosso). Nesse passo, autoriza-se pensar que a situação geográfica está relacionada com a concretude do real (Terra), mas não é determinada por ele, ressaltando, a elasticidade da consciência mundana (Mundo). A verticalidade e a horizontalidade são conceitos possíveis que aludem a características importantes da relação Ser e Mundo, ou seja, ainda que a Terra admita apenas horizontalidade, ao Mundo inclui-se a verticalidade através da consciência em situação.

Com a intencionalidade de se estabelecer essa relação, deve-se melhor compreender o que se entende por mundo-no-ser e ser-no-mundo. Na base da distinção está o visionamento heideggeriano do “ser-no-mundo, formulando a condição do ser-com, e o mundo-no-ser, conduzido pelo ser-em” (LOPES, 2019, p. 48). Ainda que o ser-no-mundo esteja configurado tanto ao ser-com quanto ao ser-em, o mundo-no-ser é o próprio ser-em. Isso se dá porque a condição de ser-com é possível (não necessária) – há algumas menções sobre o ser-só como ato deficiente de ser-com (HEIDEGGER, 2015) –, contudo, não há um ser-em deficiente de lugar, a condição de ser-em é necessária, embora de múltiplas possibilidades. Haja vista que os lugares preenchem a consciência em todas suas memórias passadas e intenções futuras; a consciência de si (mundo-no-ser) é situada em lugares enquanto a consciência para si (ser-no-mundo) está vinculada com lugares, mas não necessariamente está relacionada em lugares. Aqui difere o ser

¹ Na ordem vertical, pode-se exemplificar a distinção entre o “aqui” e o “lá”, haja vista que: “A presença compreende o aqui a partir de um lá do mundo circundante” (HEIDEGGER, 2015, p. 161). Dessa forma, pensa-se na questão existencial implícita (e explícita) dessa concepção. Sobretudo no mundo globalizado, o “lá” enfatiza-se em verticalidade com o “aqui” muito mais que a horizontalidade com o “ali”. Reitera-se, a horizontalidade enquanto “aqui”, “ali” e “lá”; e a verticalidade enquanto relação do “aqui” e “lá”.

o lugar (em lugares) e o estar no lugar (com lugares). Com isso, compreende-se que os não-lugares, são necessariamente com, mas não necessariamente em; ao serem “com” permitem o deslocamento, mas, ao não serem “em” falta-lhes o pertencimento (LOPES, 2019). É fundamental para ser-em lugares a noção de pertencimento, senão são apenas locais (não-lugares) – ratifica-se, porém, a possibilidade de um local vir a ser um lugar. Ser-com os Outros necessita de ser-em lugares, porém, ser-em lugares não necessita de ser-com os Outros (permite a deficiência de ser-só).

A noção de lugar é muito importante para a relação do mundo-no-ser e do ser-no-mundo, afinal, adentro do Mundo há o Espaço e imerso nele há Lugares (com pertencimento) e Não-lugares (sem pertencimento). Ademais, afere-se de forma mais fundamental que os lugares concebem o ser da consciência (LOPES, 2019). No entanto, antes de se prosseguir o diálogo – com a ambição de se chegar à possibilidade de circularidade –, faz-se importante relembrar a nadologia, já que a noção de “não-lugar”, aqui usada, pode ser de difícil apreensão. A noção do “nada”, ou melhor, do “não-ser” sempre foi cara à filosofia – referencia-se, para mais detalhes, o trabalho de Galgano (2009) sobretudo na Escola Eleática – pelos pré-socráticos: Xenófanes, Parmênides, Zenão, Melisso e Górgias –, sendo que, o primeiro, ao que se sabe, a questionar o não-ser foi Parmênides (1989, p. 85) que considera “que fora do ser o não-ser nada é, forçosamente admite que só uma coisa é, a saber o ser, e nenhuma outra [...]”; essa é a noção de quem averigua como inadmissível do conceito de “não-lugar”. Entretanto, exaspera-se pensar em avanços que questionam essa visão. Perscrutar-se devem algumas delas.

Como mais fervoroso questionador, tem-se Górgias (1993, p. 75-76) aferindo: “Que o não-Ser não existe, já estamos de acordo; por outro lado, ficou claro que próprio Ser tem existência idêntica à do não-Ser; portanto, também o ser não existirá... De tudo isso, conclui-se que nada é”. Aqui o “não-ser” é permissível de se pensar. Outra interessante citação é a de Platão (S/D, p. 246) “o ser, incontestavelmente, milhares e milhares de vezes não é, e os outros, seja individualmente, seja em sua totalidade, são sob múltiplas relações, e, sob múltiplas relações não são”. Essa visão é correspondente a uma noção, inclusive, metodológica de edificar-se o nada através das negatividades. O estudo mais complexo pode ser visto no trabalho de Galgano (2009) para a nadologia filosófica e, em outro trabalho nosso, para a nadologia geográfica (LOPES, 2021c) e discutido em pormenores a questão do não-ser e suas múltiplas concepções historicamente formuladas entre filósofos e geógrafos.

Finda-se, mesmo porque não é essa a empreitada desse trabalho, um preâmbulo epistemológico, que, na contemporaneidade, pode ser estendido até Heidegger (2015) e, sobretudo, Sartre (2015). Chega-se, enfim, à ideia de que o não-lugar é possível – em diversas

possibilidades teóricas –, mas que, certamente, precisa ser mais bem aprofundado do que a definição concatenada pelo conceito de “passagem” proposta por Augé (2011). Contempla-se, aqui, a definição através do “não-pertencimento”. Como exemplo, pensa-se que ao se olhar para um mapa mundi há muitos lugares (dispostos tanto em ordem horizontal quanto vertical), mas, também há muitos locais em que não há pertencimento ao observador, ainda que possa haver o desejo de pertencer e isso mova a existência geográfica ao desejo de deslocar. Espera-se, quanto aos não-lugares, não retrocessos a Parmênides, mas aprofundamentos epistemológicos mais densos.

Ao se retornar à discussão entre o mundo-no-ser e o ser-no-mundo, prefigura-se um encaminhamento que compactua com a noção de que “existir, agir e compreender formam uma só coisa. [...] ou seja, de minha produção de mim próprio a partir do comum como *práxis-processo* em andamento” (SARTRE, 2002, p. 643, destaque do autor). Esse conhecimento dispõe a possibilidade, marcando-se pela hermenêutica de Gadamer (2015), de uma circularidade: “essa relação circular do todo e das partes não é nenhuma novidade. A retórica antiga já sabia disso; ela comparava o discurso perfeito com um corpo orgânico e com a relação entre a cabeça e os membros” (ibidem, p. 243). Ter-se-iam, analogicamente, o mundo-no-ser enquanto a cabeça (a consciência) e o ser-no-mundo os membros (o corpo). Prontamente, relembra-se a estética do Eu geográfico que enquanto existência age no compreender, sendo que o “compreender é sempre um mover-se nesse círculo, e é por isso que o constante retorno do todo às partes e vice-versa torna-se essencial. A isso se acrescenta que esse círculo está sempre se ampliando” (ibidem, p. 261) – ainda, “o nexos estrutural da vida, tal qual o nexos de um texto, é determinado por uma certa relação entre o todo e as partes” (ibidem, p. 302). Dessa forma, proveniente da circularidade, fundamenta-se o primeiro esboço da possibilidade de se pensar em um mundo-no-ser-no-mundo e, inclusive, um ser-no-mundo-no-ser.

Encontraram-se, portanto, dois novos conceitos. Essa constatação possui prós e contras, isto é, caminha-se com mais uma bagagem de adensamento, contudo em honestidade filosófica: “é impossível conhecer diretamente a plenitude do real, não temos mais remédios senão construir arbitrariamente uma realidade, supor que as coisas são de certa maneira. Isto nos proporciona um esquema, quer dizer, um conceito ou entretido de conceitos” (ORTEGA Y GASSET, 1971, p. 153). Dessarte, entende-se a importância de uma construção epistemológica para refletir sobre uma “existência geográfica”, contudo, verifica-se uma base filosófica tão densa que um geógrafo, com preocupações somente científicas, não haveria de fazê-la. Aliás, tem-se uma carência, recorrente, de geografia nos filósofos, por exemplo: “A Filosofia de Vico a Hegel tem produzido alguns livros notáveis na sua história. Eles ganharam um prêmio especial

por isso [...] elogio que poderia ter sido ainda maior se tivesse dado mais atenção **à existência geográfica das nações**” (SASS, 2011, p. 279, grifo nosso). Dessa maneira, concebe-se prosseguir, feita a devida consideração às dificuldades encontradas no pensamento geográfico, o qual ainda está por se construir filosoficamente para, posteriormente, ser implementado cientificamente.

Chega-se, então, à sentença, a partir de um excerto resoluto, de que “tão vasto é o mundo-no-ser tanto quanto são as possibilidades de ser-no-mundo” (LOPES, 2021b, p. 13). Tal assertiva indica que a circularidade vinga positivamente, caminhando pendularmente (ou melhor, em círculo) entre o Ser e o Mundo. Isso se estende *ad infinitum*, em um “...ser-no-mundo-no-ser...” ou “...mundo-no-ser-no-mundo-no-ser...”; esse movimento é peremptório e representa a casca da existência geográfica. Trata-se de um movimento que aglutina de modo mútuo o começo e o fim, tendo em conta que: “O problema do começo, onde quer que se coloque, é sempre na realidade o problema do fim, pois é a partir do fim que o começo se determina como começo do fim. [...] Todo começo é fim e todo fim é começo” (GADAMER, 2015, p. 609). Instiga-se, ainda, no seguinte rumo: “O começo do ato é o fim da reflexão; e o começo da reflexão é o fim do ato” (KHALDUN, 1959, p. 253). Essa afirmação indica a geografia em reflexão (mundo-no-ser) e a geografia em ato (ser-no-mundo), mas ratifica-se que ambas concorrem na simultaneidade circular caleidoscópica. Ademais, além da externalidade do ser (ser-no-mundo), deve-se firmar a interioridade do ser (mundo-no-ser) orientado ao que: “O ser dá conta da interioridade do olhar, do ver, do enxergar, do observar, do pensar e do refletir.” (SILVA, 1991, p. 02) Logo, a vivência geográfica está em constante movimento entre a reflexão geográfica e os atos geográficos. Acurando, o Eu geográfico enquanto *práxis-processo* – de existir, agir e compreender – situa-se na circularidade geográfico-existencial do mundo-no-ser e de ser-no-mundo.

No percurso de seguir-se para a próxima concreção, salienta-se que a discussão conseguiu dar vivacidade à circularidade entre o mundo-no-ser e o ser-no-mundo, fomentando o movimento dinâmico da existência geográfica na relação entre o Ser e o Mundo. Essa mútua construção do Eu geográfico em *práxis-processo* autoriza uma maior abrangência ao desejo de deslocar e ao desejo de pertencer. Isso está ao passo da reentrância do Mundo com o Espaço, nele, os Lugares e os Não-lugares. Como resultado, a espacialidade abre-se na geograficidade, aberta já espacialmente, mas, agora, no mundo circundante rumo à geografia. Alcançada essa geografia, de essência existencial (MARANDOLA JR, 2021), tem-se a fundamentação do existir (corpo) e da existência (consciência), ambos em simultâneo em mútuo permear, de modo a ser aberta à lugaridade e à não-lugaridade local – atentando que um local pode vir a ser um

lugar pelo pertencimento. Doravante, entretanto, necessita-se de outro compasso, isto é, está-se em um aparato deveras individual, no qual se exige tecer o desenvolvimento dessas concepções ao rumo social.

SER E MUNDO: UMA CONSTRUÇÃO MÚTUA

Ou seja, pecando pelo óbvio (ou não), pensamento geográfico é geografia em pensamento, ou pensar geografia é ter para si a existência e a importância do geográfico presente na realidade.

(MARTINS, 2016, p. 62)

A partir deste momento, guinando a contemplação da existência geográfica a um aprofundamento que, aos poucos, embarque com mais peso na geografia, tem-se que a relação entre a consciência e o corpo afere a existência em seu existir. A consciência, que é tempo, formula seus desejos (enquanto Eu geográfico) a partir das memórias (histórica) e das intenções (projetiva), a fim de validar que se dirige para “à memória constituída a partir da união entre o imaginário social e as experiências individuais no lugar, que, entendido como fenômeno, aberto e marcado por eventualidades, possibilita **a compreensão da geograficidade na existência geográfica no mundo**” (GONÇALVES, 2012, p. 125, grifo nosso). Mais uma vez se confirma ser, a geograficidade, distinta da existência geográfica, mas correlacionadas, sendo esta contida naquela. A espacialidade é o marco da abertura da existência geográfica, sendo, pois, a geograficidade sua essência pós-cedida – retomando a visão de Sartre (2015) em que a existência precede a essência. Nesse prumo, pensa-se mais longe, isto é, além do homem. Pode-se, como já mencionado, pensar no existir dos objetos geográficos: nações (territorialmente), cidades (regionalmente), arquiteturas (paisagisticamente), lares (lugarmente). O existir geográfico é abertura concebida ou, de modo original, percebida; da mesma forma como a existência geográfica é, em sua etiologia, uma intencionalização da percepção.

Com isso, identifica-se na materialidade circundante, bem como na imaterialidade circundante, a ontologia geográfica aberta em suas posições mais cotidianas, tanto reais, como mundanas ou universais – conforme as esferas da: realidade (entosfera), mundanidade (ontosfera) e nadidade (nadosfera) (LOPES, 2021). Estabelece-se, nesse caso, que “a objetividade se funda na subjetividade, a qual é base para a interpretação do aspecto material das coisas, sendo possível assim uma **existência geográfica que vai além do material através de imagens e de símbolos**” (SANTIN, 2017, p. 28, grifo nosso). À vista disso, estipula-se uma trama complexa que constitui a vivência, não calcada tão somente no ser da corporalidade, mas também na corporalidade do ser. Na circularidade entre Ser e Mundo encontra-se, inclusive, a

circulação do circundante. Gira-se, pois, em um em-si ao para-si – de Sartre (2015) – quando ao redor de si há um conflito entre o material e o imaterial – Sartre (2002) –, fomentando uma tensão tanto no Ser quanto no Mundo. O Mundo está tensionado na sua dialética entre o real e o circundante, tal como o Ser está tensionado em uma dialética giratória do trinômio: o real, o mundano e o universal.

Na concepção a partir de que o Mundo torna-se o perscrutado, tem-se uma consideração de abertura a ser feita acerca de um conceito ontológico aqui muito concordante, a configuração da existência e a cidade, isto é: “Ser-na-cidade envolve **movimento**. A **expansão de nosso ser-no-mundo** pela apropriação de instrumentos pode ser exemplificada ao examinarmos a negociação **entre a tecnologia e o corpo** a partir dos vários modos de **deslocamento** pela cidade” (WAKIAK, 2018, p. 12, grifo nosso). Desse modo, encontra-se uma formulação associada à circularidade já proposta; pensar, então, no ser-na-cidade exige também pensar na cidade-no-ser. O interesse desse visionamento, para a analítica da existência geográfica, é sua disposição rumo aos conflitos do Mundo em sua circularidade, aferido em uma concepção de que o existir (corporal) sustenta a disposição de ação mais ôntica do ser-no-mundo e a existência (consciente), a reação ontológica; assim sendo, o ser-na-cidade alia-se ao corporal (deslocamento) e a cidade-no-ser ao consciente (pertencimento). Outrossim, o complexo entre deslocar e pertencer age de modo expansivo na cidade e, com isso, “ser-na-cidade envolve, necessariamente, estar enredado numa relação complexa, simbiótica e com muitas camadas de tecnologia em constante negociação e em fluxo contínuo” (WASIAK, 2018, p. 10). Esse fluxo, entende-se, é a própria circularidade geográfica a justificar o contínuo. A técnica circula ao corpo e à consciência, sendo a cidade o fluxo de maior voracidade.

No pensamento de Wasiak (2018), a cidade é uma ecologia tecnológica, provocando uma concepção que se sustenta no mundo circundante pela técnica; pode-se, aqui, pensar em um conceito aglutinante: mundo circuntécnico, a circularidade da técnica no Mundo frente ao Ser. A visão da cidade é muito pertinente ao se refletir sobre o complexo de deslocar (pelo corpo, com lugares) e de pertencer (pela consciência, em lugares), porque, frisa-se, ele consente múltiplas formas, desde o cotidiano na concepção do senso comum, até na contemplação artística. Esse é, pois, o percurso feito por Lefebvre (1968) ao abrir suas análises a partir da obra *Ulisses* de Joyce (1980) para a compreensão do cotidiano, com base não somente na materialidade labutar, mas, além, em relações do fluxo de consciência que apreende o mundo e o reinventa em algo próprio. Antes de prosseguir com esse raciocínio, faz-se a ponte entre a existência geográfica no prumo da geografia e da arte:

A geografia, como ciência moderna, foi constituída sob as mesmas bases que promoveram o ocultamento do ser e a compreensão do mundo por uma perspectiva ôntica. Já no pensamento heideggeriano, **o mundo é trazido à tona como um conceito fundamental para compreensão e desocultamento do ser.** [...] para elucidar a base ontológica do conhecimento geográfico ao **pensar o mundo a partir da terra** e no contexto da obra de arte. Ambas as discussões são caras à geografia, seja pelo **sentido propriamente terrestre da existência geográfica**, seja pelos **laços que a geografia guarda com a arte** (DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2016, p. 553, grifos nosso).

Ao concordar que a existência geográfica está no rumo da Terra e do Mundo, sua suspensão, concebe-se em uma fluidez no raciocínio permeado até aqui, isto é, da geograficidade da Terra ao Mundo e da espacialidade do Mundo à Terra. Ao se cogitar na compreensão do ser, versa-se acerca de Joyce (2018), agora com mais apego. O livro perpassa a temporalidade de menos de um dia seguindo a trajetória homérica, ao todo possui dezesseis capítulos (na versão primeira apenas três), aludindo graciosamente à *Odisseia* de Homero (2014) – na mesma fundamentação para a base do “Complexo de Odisseu” (LOPES, 2019), logo, admitindo, paralelismos. Nesse mundo caótico, compreendem-se poucos pontos reais e diversos abertos aos pensamentos em toda sua complexidade sexológica e geográfica, tecendo uma trama de modos narrativos que incutem em misturas de consciências haja vista cada consciência ser, por si, coexistencial. Concorda-se junto a Williams (2011, p. 399): “*Ulysses* de Joyce, a mais extensa e memorável realização, na literatura inglesa, desses modos de percepção e identidade fundamentalmente alterados. [...] Em Joyce, as leis e convenções da observação e da comunicação tradicionais aparentemente desapareceram.” A todo momento, entrelaçam-se as consciências e os fragmentos das imagens do entorno circundante ao prumo da velocidade das imagens embutidas à mente na corporalidade da Modernidade.

No segundo capítulo de *Ulisses*, em específico, o personagem Bloom constrói a proposição até aqui sustentada. Esse momento da obra relata o deslocamento de Bloom no mercado, sendo que, nessa sua peregrinação, desperta-lhe um horizonte de pertencimento estapafúrdio. Ao andar pelo mercado e pensá-lo, todo o lugar transforma-se e não se constrange apenas à materialidade corporal e à materialidade circundante, haja vista que sua consciência remonta a, em cada elemento do mercado, toda uma imaterialidade circundante: começa a construir a Espanha moura, logo, circunspecta do Cáucaso para o Mar Morto. Dessarte, em análise desse momento, Williams (2011, p. 401) afere que: “a fantasia da cidade oriental parte do cheiro de pão do carro de Boland, mas cada coisa que Bloom vê, cada som que ouve, cada cheiro que sente desencadeiam em sua consciência uma de suas preocupações íntimas.” Ainda, arrematando a profusão da cidade-no-ser ao ser-na-cidade: “Sob a pressão de suas necessidades, uma cidade é tão real quanto a outra. [...] A realidade substancial, a variedade viva da cidade, está na mente do caminhante.” (ibidem, p. 401-402). Assim, o mundo-no-ser, aqui, sobrepõe-

se ao ser-no-mundo, recriando o mundo circundante em um cenário distinto, mas complacente com a consciência que circula em direção à geograficidade da espacialidade.

Essa cena prefigura que o pertencimento sobressalta-se no deslocamento, sendo o mundo circuntécnico a base dos gatilhos dessas relações que fazem a consciência geográfica – haja vista o remonte dos lugares nas memórias, no histórico; para com os das intenções, na projeção – abrir-se a partir dos objetos para uma noção que vai do Ser ao Mundo, retornando em reconfiguração um Mundo ao Ser. De forma curiosa, aludindo o Mundo e o Ser ao Ser e o Mundo, no passo lúcido da poética cômica, lê-se: “A gente devia ter chapéus modelados segundo a cabeça da gente” (JOYCE, 2018, p. 81). Bloom entra em um fundamento que não abandona seu corpo, ainda que imperado pela consciência, isto é, configura-se em um devaneio (BACHELARD, 1989), mas presentificado; afinal, no mercado, seu corpo excita-se com o corpo das mulheres, em uma intercorporalidade do Ser, ainda que sua consciência pelo Ser divague na circularidade do ser-no-mundo-no-ser, a qual reforma a própria realidade, um Mundo pelo mundo-no-ser-no-mundo. Depreende-se, a partir de Ricœur (1968), sua noção recorrentemente utilizada: mundo-da-obra; uma circularidade do mundo-da-obra, a concretude do manifesto que orienta, inclusive, para a obra-do-mundo, a consubstanciação ao latente. Pensa-se, pois, nesses conceitos, na possibilidade de uma Geografia hermenêutica.

Instala-se, ainda, uma concepção que deve ser aprofundada: a noção de deslocamento pela imaginação. Essa, enquanto forma de deslocamento, também é corporal (enquanto presença), mas é um movimento da consciência (pelo pertencimento) em seus lugares nas memórias e nas intenções. Isso evidencia que a conexão entre o corpo e a consciência é distinguível, mas não dissociada, haja vista que “é um fato que primeiramente eu me creio circundado por meu corpo, preso ao mundo, situado aqui e agora” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 67). Afere-se, inclusive, a noção de que “um deslocamento puro, que não alcance ele mesmo as propriedades do objeto, forneceria aos fenômenos um meio de existência inerte, em que cada acontecimento podia ser correlacionado a condições físicas responsáveis por mudanças ocorridas” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 86). Logo, pelo fato de o deslocamento não ser puro, mas consciente, tem-se, na circularidade Ser e Mundo, um movimento de autoformação.

O Mundo modifica-se pelo Ser, assim como o Ser modifica-se pelo Mundo (pelo mundo circundante); ainda aqui, pensa-se no existir como ponto de partida e de chegada, retomando ser, o círculo perpétuo; encontra-se, como primeira menção na obra de Nietzsche (2001, p. 230) o caminho (rumo à filosofia de Heráclito) do “eterno retorno”. No movimento da espacialidade (existir), tece-se a geograficidade (existência); coligadas ao passo que “esta existência espacial que é a condição primordial de toda percepção viva” (MERLEAU-PONTY,

2018, p. 158). Nisso, situa-se ao corpo sua abertura a partir do Espaço para a Geografia. O movimento é concordante com o homem tanto quanto seu modo de ser social.

Prossegue-se, no passo de o Homem e a Sociedade estarem em uma mútua correlação na circularidade, ou seja, tanto o ser-humano quanto o ser-social estão no caminho do Mundo na construção antropológica do mundo-humano e na sociológica do mundo-social. De forma a ponderar mais o peso do Mundo que do Ser, diz Souza (1986, p. 77) que: “Os homens estão necessariamente no espaço, conectados física e mentalmente a um espaço social concreto, mas estritamente não são parte do espaço. [...] resumir-se-á a uma matéria inanimada em si mesma, e dotada de um movimento que lhe é conferido do exterior, pela atuação dos atores sociais”. Compreende-se ser, essa dimensão exterior, muito próxima das proposições existencialistas que perfazem a exigência ao ser, ao prático-inerte (SARTRE, 2002). Nos conceitos de Sartre (2002), a sociedade centelha a historicidade do homem, tal como a de sua geograficidade, na luta de classes, enquanto ser-de-classe, na dimensão do Espaço social em sua organicidade e até na circulação da serialidade dos e nos grupos que afiguram a junção do Ser e do Mundo, agora, cada vez mais próximos. É-se já esperada, essa correlação, afinal, o Mundo não é o mundo circundante, mas sua superação terminantemente humana. Compreende-se, ainda, no caminho do existir para existência que:

É o espaço geográfico que transforma em existência a sociedade global, este ser que é um todo, mas um todo em potência. **O existir, ser em ato, oferece esta ideia de epistemologia da existência, porque existindo estão todos.** Existem todas as empresas, existem todas as instituições, e todos os homens juntos existem, não importam as suas diferenças. E os geógrafos não devem escolher entre empresas, e instituições e muito menos entre pessoas. Todos constituem este espaço banal que é o centro de nosso trabalho e por intermédio do qual nós mostramos nosso interesse pelo Mundo e pelo Homem. (SANTOS, 1996, p. 14, grifo nosso).

O mundo circuntécnico, tal como os atores sociais – em grupos, coletivos, organizações e instituições – fomentam ao Ser sua construção existencial na espacialidade da existência. Esse é o outro lado da interação, oposto ao visto em Joyce em que o Ser modifica o Mundo ao seu redor, realocando os mundos circundantes. O ser-na-cidade volta como cidade-no-ser de modo a modificar o ser e a conceber sua geograficidade, pós-cedida à espacialidade existencial originária. Isso não como *a priori*, mas, no Espaço social, a própria espacialidade como modo de ser socioespacial. Com o propósito de se caracterizar, mais adequadamente, o externo, afigura-se ao homem geográfico que: “Quando o caçador paleolítico deixa a sua acha e pega o arco e flecha, ele avança um passo na conquista do espaço, contudo o espaço expande-se diante dele: as coisas que antes estavam além do seu alcance físico e horizonte mental agora fazem parte do seu mundo” (TUAN, 1989, p. 61). Dessa maneira, o Ser e o Mundo conectam-

se de forma exterior porque assim é o Ser e o Mundo, mas uma interioridade seria possível pelo próprio conteúdo interno em ambas as categorias. Dessa forma, caminhou-se para a circularidade tanto na positividade do Ser frente ao mundo, quanto, agora, do Mundo frente ao ser.

A circularidade do Ser e do Mundo exige considerações e aprofundamentos muito mais intensos, sobretudo no prumo científico, no aprofundar da epistemologia *strito sensu* frente ao *lato sensu* aqui construído. Mesclada a filosofia com a ciência, entende-se uma relação que do mundo-no-ser ao ser-no-mundo, tanto em mundo-no-ser-no-mundo (exemplificado com o Espaço social) quanto do ser-no-mundo ao mundo-no-ser no ser-no-mundo-no-ser (exemplificado com os desejos em Bloom de Joyce), substratam uma visão rente a noções que fazem da existência geográfica uma base da Geografia existencial para suas concepções que aferem ontologicamente de forma circular. Dessarte, finda-se, sem nada findar, essa seção final do trabalho, sendo, sobretudo esse, o que mais exige futuros desdobramentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, visou-se a aprofundar o indicativo “existência geográfica”, em sua ontologia geográfica. Dessa forma, perscrutou-se uma trajetória cuja originalidade parte da espacialidade (existencial) para a geograficidade (essencial). Ainda, enquanto existência geográfica (humana), distinta do existir geográfico (conceito maior, que inclui toda a realidade), encontra-se rente ao Eu geográfico em sua consciência (ser) e seu corpo (ente). Nisso, caminha-se frente à circularidade do ser-no-mundo e do mundo-no-ser. Por conseguinte, tem-se uma rota que, na estética do Eu geográfico e da circularidade existencial-geográfica, assenta uma mútua relação entre Ser e Mundo. Nessa contemplação, afigura-se a totalidade geográfica – Terra-Mundo-Universo – ao passo de se observarem a geograficidade da Terra ao mundo circundante (ser-no-mundo) e a espacialidade do Mundo para a Terra (mundo-no-ser); ainda, o Universo centelha ambos; é a nadologia ôntico-ontológica. Dessa maneira, encontram-se as perspectivas do Ser (mundo-no-ser) pelo mundo e do Mundo (ser-no-mundo) pelo ser.

No âmbito definições, perscrutaram-se distinções como a existência histórica (de ordem vertical) e a existência geográfica (de ordem horizontal) apercebendo-se da existência de uma mútua penetração entre ambas. A horizontalidade (na perspectiva: aqui, ali e lá) é típica da continuidade geográfica, mas a verticalidade (com o vão entre: aqui e lá) admite uma descontinuidade. Ainda, na existência geográfica, nas facetas ser-no-mundo e mundo-no-ser, notam-se que o Espaço, enquanto adentro do Mundo, e a geograficidade da espacialidade no mundo circundante, correspondem ao modo de ser geográfico, ou ainda, à própria geografia.

Tudo isso se transpassa em movimentos de consciência de si (mundo-no-ser) e do mundo circundante (ser-no-mundo) tecendo a humanidade (Mundo). Acoplou-se, ainda, a aglutinação – existir, agir e compreender – para o movimento de circularidade de modo a se fundamentar, no Eu geográfico, a *práxis-processo*. Cerceou-se, também, a questão (do Eu geográfico) dos desejos de deslocar (ao ser-com) e de pertencer (ao ser-em) que, no Espaço, acometem aos Lugares e Não-lugares. Ambos são “com lugares”, mas, aos não-lugares ausenta-se o “em lugares” de forma a não haver o pertencimento. O local, pois, foi compreendido enquanto corrente não-lugar pela carência de pertencimento, necessário ao lugar.

Nessa orientação, confere-se, portanto, tanto a possibilidade do mundo-no-ser-no-mundo quanto o ser-no-mundo-no-ser, podendo ser expandido *ad infinitum*. Ainda que a circulação não tenha um início ou fim existencial, há um liame lógico de compreensão das alterações de um ou de outro. É válido considerar-se que adentro da circularidade proposta, afigurar-se-ão suas reverberações; por exemplo, da relação do ser-na-cidade e da cidade-no-ser, aferindo ao mundo circuntécnico que delinea a cidade: o Mundo construindo o Ser. Marca-se, também, da espacialidade nos desejos (de deslocar e pertencer) a afiguração de uma geograficidade que aproxima a realidade (terrena) para o mundano (mundo circundante). Por conseguinte, o Ser construindo o Mundo. Com isso, ao mundo circundante, coligativo da materialidade circundante e da imaterialidade circundante, caminha-se do concreto para as noções de imagético e simbólico; desse modo, cerca-se o Ser e tece-se, na fusão dos horizontes, um Mundo imbuindo a formação do Ser. Isso posto, chega-se ao Espaço social como caso mais elementar de aferição à construção do Ser. Verifica-se, enfim, uma dinâmica cada vez mais complexa.

Alcançada uma breve revisão da construção, tem-se a necessidade de integrar a importância de considerar-se, esse estudo, como aberto. O encontro com a existência geográfica em sua circularidade está, pois, norteado de forma filosófica, mas exige um prosseguimento rumo à concretude prática suleada. Ademais, delinearam-se as linhas gerais as quais necessitam de aprofundamentos para as linhas mais restritas e específicas na profusão ao sentido da *práxis-processo*. Finda-se, pois, um estudo que pretende, pela Geografia existencial, encaminhar melhor os fundamentos de suas categorias e de seus conceitos. Convida-se, sobretudo, a inspiração criativa para novas e mais bem elaboradas tessituras aos leitores com espíritos corajosos e inquietos.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2005.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- COSTA, C. **Fundamentos epistemológicos da geografia**. Indaial: UNIASSELVI, 2019.
- DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JR, E. O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 19, n. 3, p. 551-563, 2016.
- DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GADAMER, H. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GALGANO, N. S. A transgressão de Melisso: o tema do não-ser no eleatismo. 2009. 180 f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- GONÇALVES, T. R. “Sentido de passado” na (in)autenticidade da experiência do lugar no Bixiga. **Para Onde!?** Porto Alegre. v. 6, n. 2, p. 125-132, 2012.
- GÓRGIAS. **Testemunhos e Fragmentos**. Lisboa: Edições Colibri, 1993.
- GUIMARÃES, H. G. O espaço existencial em xeque: uma odisseia para o espaço ontológico na geografia. **R. RA'E GA**, Curitiba, v. 19, p. 19-34, 2010.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- JOYCE, J. **Ulisses**. Tradução de Antônio Houaiss. São Paulo: Editora Abril S.A., 1980.
- KHALDUN, I. **Os prolegômenos ou Filosofia Social**. Tomo II. Tradução e notas José Khoury & Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Safady Ltda, 1959.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1968.
- LOPES, J. N. D. Circulação árabe do medievo: para uma geograficidade decolonial. **Revista de Geografia UFJF**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 3-18, 2021a.
- LOPES, J. N. D. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 102, p. 48-62, 2019.
- LOPES, J. N. D. Geografia existencial: entosfera, ontosfera e nadosfera. **Geografia (Rio Claro. Online)**, Rio Claro, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021b.
- LOPES, J. N. D. O que não é Geografia? **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 39, p. 383-491, 2021c.

- MARANDOLA JR, E. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MARTINS, E. R. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 11, n. 1, p. 33-51, 2007.
- MARTINS, E. R. O Pensamento Geográfico é Geografia em Pensamento? **GEOgraphia (UFF)**, Ano. 18, n. 37, p. 61-79, 2016.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA JR., G. Ontologia do ser social e espaço geográfico: reflexões a partir da ontologia lukacsiana. In: **XV Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2015, Havana, Cuba. *¿Por una América Latina unida y sostenible?* v. 1, p. 1-14, 2015.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1971.
- PARMÊNIDES. Fragmentos: Sobre a Natureza. In: Os Pensadores. **Os pré-socráticos**: Fragmentos, doxografia e comentários. 4ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, p. 87-91, 1989.
- PLATÃO. **Diálogos**: Fédon – Sofista – Político. [S. l.]: Editora Tecnoprint S. A., Clássicos de Ouro, S/D.
- SANTIN, B. Os quatro elementos na experiência geográfica: uma apreciação humanista e astrológica em geografia. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SANTOS, M. A. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 9ª. ed. São Paulo: Ed. USP, 2017.
- SANTOS, M. A. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 7-14, 1996.
- SARTRE, J. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- SARTRE, J. **Crítica da razão dialética**: precedido por questões de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SARTRE, J.** O Ser e O Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica. 24ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SILVA, A. C. Ontologia Analítica: Teoria e Método. **Terra livre**, São Paulo, n. 9, p. 129-133. 1991,
- SILVA, A. C. Aparência o ser e a forma. **GEOgrafia**, Rio de Janeiro, n. 3, ano II, p. 7-25, 2000.
- SASS, H. A Terra é um ser vivo: devemos tratá-la como tal! **Revista Bioethikos** – Centro Universitário São Caminho, v. 5, n. 3, p. 276-281, 2011.
- SCHELER, M. **Visão filosófica do mundo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1954.

SOUZA, M. L. Espaciologia: uma objeção. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 10, p. 72-93, 1986.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

WASIAK, J. Ser-Na-Cidade: Uma aproximação fenomenológica Da Experiência tecnológica. **Geograficidade**. v. 7, n. 1, p. 4-20, 2018.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.